

**DESTAQUES DO PORTAL A TARDE**



Reprodução

**Avião volta para SSA após passageiro se recusar a usar máscara**  
atarde.com.br/bahia

**China aprova segunda vacina anti-Covid do país**  
coronavirus.atarde.com.br

**www.atarde.com.br**  
71 3340-8991  
(Cidadão Repórter)  
71 99601-0020  
(WhatsApp)

# EDITORIAL Vermífugo eficaz

Embora a divulgação do medicamento ivermectina tenha-se mantido sob holofotes, acesos pela presidência da República, há meses, como medicamento contra a Covid-19, enfim o fabricante admitiu a verdade.

A ira de quem permitiu-se enganar é compreensível diante da elegância com a qual os representantes da empresa farmacêutica Merck foram a público desmentir uma hipótese alardeada como tese pelo presidente Jair Bolsonaro.

Apesar de um provável sucesso nas vendas, já não havia como os responsáveis pelo remédio continuarem em incômodo silêncio, pois, além de ineficaz,

produz efeitos colaterais mortíferos relacionados ao funcionamento de coração, fígado e pâncreas.

Quem acreditou na desinformação do garoto-propaganda pode estar agora sob sete palmos, pois a ivermectina não é nada além de vermífugo, conforme comunica-

**Já não havia como os responsáveis pelo remédio continuarem em incômodo silêncio**

do distribuído pela Merck, com base em estudo de cientistas, somente agora publicizado.

Atestaram pesquisadores responsáveis pelo trabalho ser a droga eficiente para curar verminoses e, ainda assim, nem todo parasita é exterminado, mesmo em uso contínuo do medicamento.

A escolha errada da presidência pelo chamado kit-Covid, composto por ivermectina, além de cloroquina, como prevenção contra a peste, não levou em conta a prudência de escutar a voz abalizada de cientistas experientes.

Em vez de apostar nos acordos com fabricantes de vacinas e proteger a popu-

lação, com uma campanha comunicacional massiva, testagem e incentivo ao uso de máscaras, preferiu o chefe de Estado e seus assessores arriscar a loteria da morte.

Toda escolha implica a possibilidade aritmética maior de erro, uma vez ser uma opção, entre muitas outras, além da impossibilidade de fazer da vida um laboratório, no qual poderíamos testar antes de decidir pela melhor chance de êxito.

No entanto, este aspecto necessário, e não contingente, não dá a um fanfarrão a prerrogativa de formar crença por palpite, pois pode ter levado a óbito milhares de consumidores de um remédio capaz de matar em vez de salvar.

## TÚLIO CARAPIÁ



## Unir ou perecer

**Yvette Amaral**

Professora universitária  
yvetteleamosamaral@gmail.com

“A união faz a força”, “unidos venceremos” são refrãos que ouvimos constantemente, quando se enfatiza que o poder do homem se potencializa quando ele se une a alguém ou a um grupo. Daí o valor que hoje a escola dá, motivando os trabalhos em equipe. A pandemia de Covid-19 nos levou à certeza disto quando se percebeu que só de mãos dadas se chega a qualquer vitória.

A humanidade acordou para a solidariedade quando se pretende ajudar, em nome da vida. A união compensa nossa pobreza existencial. Felizmente, neste caso, muitos fugiram do individualismo tão impregnado em nossa conduta. Partiram para gestos fraternos, demonstrando que o amor ainda transita pelos corações. E consegue, muitas vezes, fazer milagres.

Maravilhosa a atitude dos agentes de saúde, expostos ao maior risco, mas fiéis à sua missão. Que temeridade para eles, porque as interrogações sobre o agente patogênico eram muitas e preocupantes. Todo o progresso da infectologia não foi ainda suficiente para esclarecer as consequências desse vírus tão pernicioso e cruel para o organismo humano. Além do heroísmo dos servidores da saúde, muitos voluntários se juntaram a esses profissionais, auxiliando, com seu tempo e disponibilidade, nesta batalha magnífica. E, ressalte-se, numa época em que todos fugiam da contaminação. A quarentena reforçou a voz da fraternidade, sempre presente para fazer o bem e preservar a vida.

Todavia, não é só a Covid-19 que nos angustia no momento, mas a preocupação com o mundo futuro. Certamente o recolhimento obrigatório nos trouxe mais tempo para rever nossa vida, questionar atitudes e obrigar-nos a mudar nosso jeito de viver. Nessa hora, a consciência nos pede uma profunda leitura da nossa sociedade. Não adianta só ter suportado, sem desespero, todos esses meses de clausura e distanciamento das pessoas cuja convivência era prazerosa. A reclusão pesou em todos, sobretudo nos mais carentes que moram em casas minúsculas com uma família numerosa.

É tempo também de pensarmos em nossa realidade e interpretarmos o que ela nos diz e nas mudanças que exige. Numa hora como essa em que vivemos, injustiças e desigualdades influem bastante. O desprezo pelos valores éticos fez com que houvesse até desvio de recursos destinados aos infectados. Estamos sobre um vulcão que a todo instante pode entrar em ação, e suas lavas afogarem nossos irmãos. De todos os lados, se ouve: é urgente mudar. A sociedade não suporta mais seus atuais alicerces.

Vamos nos unir para combater não só a Covid-19, mas para que o mundo futuro se organize sem os vírus morais que tanto fizeram sofrer a humanidade atual.

Ou nos unimos ou perecemos.

## Rua exemplar, condomínio-modelo

**Lourenço Mueller**

Arquiteto e urbanista  
muellercosta@gmail.com

Na Idade Média o simples ar das cidades era considerado libertador do homem ('stadtluft macht frei'). Hoje acontece o contrário, seja pela escrivazinha divisão social do trabalho, seja pela insegurança.

Os avanços 'libertadores' da tecnologia, como os automóveis ou as malditas regrihas de internautica (senhas, apps), os primeiros transformados em transtornos para a mobilidade dos grandes centros e a internet na coisa mais excludente para os não iniciados, podem ser 'um tiro no pé'.

Feito um balanço de lucros e perdas ainda é possível afirmar que vivemos num mundo mais confortável. O que nos falta é um espírito civilizatório de confraternização e não conservadorismo no uso das noções de governança que levam a ações objetivas, bem localizadas e menos individualistas.

Um logradouro, por exemplo, poderia se ordenar: entre os vizinhos, basean-

do-se no associativismo – um ideário constitucional –, eleger representantes interessados em discutir melhorias possíveis que variam da segurança à sinalização, do conforto à mobilidade, da beleza urbanística e paisagística à coleta inteligente do lixo e à programação de ações culturais. Não esperar pela municipalidade e queixar-se sempre das más governanças, que essas começam na sua própria rua, mais ainda, em seu próprio prédio, casa ou condomínio.

Redesenhar o papel dos gestores é obrigatório na pós-pan, ficou mais do que provado que nem a cidade nem a população estavam preparadas para o ataque virótico da Covid-19.

As edificações deveriam ser pensadas como economias criativas e autossustentáveis, capazes de agregar valor de uso com custo mínimo para o proprietário.

Qualquer edícula pode ser submetida a avaliação feita por engenheiros e arquitetos (existem empresas especializadas nesse trabalho) para ver se oferecem potencial de manejo na ocupação no lote, na planta baixa, na estrutura, nas fachadas frontais ou laterais, nas áreas de con-

vivência etc., e na redução de custo das contas de energia, água, gás, telefonia, wi-fi, elevadores, jardinagem, a partir do estudo específico das instalações ou serviços e das possibilidades de novos usos locativos para determinados espaços que possibilitem esses usos.

Difícilmente um síndico destreinado percebe o potencial do prédio que administra, seja do ponto de vista físico ou comercial ou ainda cultural e mais, geralmente são infensos a sugestões dos próprios moradores, não socializam a gestão, limitam-se a ajustar taxas de condomínio a uma planilha de custos feita sem muita atenção ao potencial do prédio em si.

A cidade hoje é toda privatizada pelos condomínios verticais e horizontais; seria desejável que a universidade, atenta a essas circunstâncias descritas acima, viabilizasse em suas unidades disciplinas capazes de treinar gestores na percepção sociourbanística ou até mesmo de marketing das edificações.

Além disso, cada vez mais o mundo digital interfere no mundo real e os técnicos em TI têm muito a dizer sobre tudo que falamos.